

SP: 5.000 rezando pelo índio

Herdeiros de um Império de extermínio, filhos da secular dominação, queremos reparar nosso pecado, viemos celebrar a nova opção: Ressurreição.

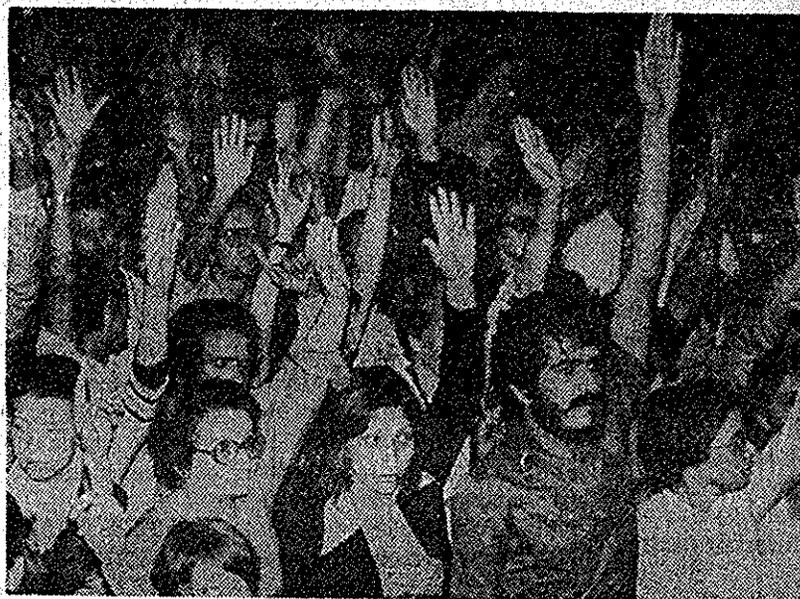
Na Ceia da Morte e da Vida, a antiga memória perdida, a morte dos Povos do passado, na Festa do Povo esperado: Ressurreição.

A História da América inteira, nesta Memória de Libertação na Páscoa do Ressuscitado, a Páscoa ameríndia ainda sem ressurreição... Ressurreição... Sem Ressurreição.

A Missa da Terra sem Males de D. Pedro Casaldáliga, bispo de São Felix do Araguaia e do poeta goiano Pedro Terra (recentemente premiado pela Casa de Las Americas, Cuba), e musicada por Martín Coplas, argentino, que acompanhou com violão, kenu, charango e tambores indígenas, foi celebrada domingo passado na Catedral da Sé por D. Paulo Evaristo Arns e o bispo de Goiás, D. Tomás Balduino. Estavam presentes 33 bispos de todas as partes do País. Coube a D. Pedro Casaldáliga fazer a abertura da missa.

D. Pedro Casaldáliga:

— Foi crescendo em nós a consciência da tragédia indígena, a esperança, a promessa de uma outra sociedade, de um mundo diferente onde se vive na natureza em harmonia com os irmãos. Sem lucros, sem cobriças, sem pressa. A Missa da Terra sem Males respondendo ao mais profundo apelo não é uma missa utópica, mas de fé e esperança. Pascal. Vamos vivendo com a voz de nossa memória, de nosso remorso, e de nossa esperança também. Uma memória penitencial que se aproxime da



páscoa é uma memória perigosa porque compromete.

Em seguida falou o cardeal arcebispo de São Paulo, D. Paulo Evaristo Arns:

— São Paulo; neste lugar que os índios admiravam a natureza, os astros, e toda a vida. Neste momento, meus amigos, renasce a esperança em nosso coração. A vida começa a ser de novo respeitada. Neste momento pedimos por Jesus Cristo, nosso santo a unidade do espírito santo. Amém.

D. Tomás Balduino disse que esta era uma celebração que já deveria ter sido feita há mais tempo. Uma forma de penitência pública, de celebração pascal. Observou que por um acaso essa missa foi realizada na cidade de São Paulo que é, por sinal, o símbolo de opressão, de onde partiram as bandeiras. Aqui, onde estão ainda marcados os traços da primeira missão que remonta a Anchieta:

— O índio é o grande ausente de nossa História, o grande alijado de todas as decisões. Ele é mudo para nós. Temos leis para eles, sobre eles, mas não a partir deles. Ele morto, está vivo. Vencido, ele participa de uma vitória. Considerado um marginal, está influenciando na nossa sociedade. É o mistério da Páscoa. Como representante da

Igreja Missionária, ligada ao Conselho Indigenista Missionário (CIMI) digo que nós precisamos nos unir, meus irmãos.

D. Tomás deu a palavra a um índio. Antes, D. Paulo perguntou para todos quem era de Minas, do Nordeste, do Interior, de outros Estados. O povo levantava o braço indicando. Dirigindo-se ao índio da tribo xavante, D. Paulo disse que "o sr. está falando para o povo de todo o Brasil". Em seguida falou o índio:

— Nosso terreno foi tomado. Ando atrás de recurso para toda a minha gente. Estou velho, não posso fazer mais nada por ela. Tenho muita gente. Não venho para brincar, para pedir esmola. Muita pouca gente trabalha e muita gente pra comer. Quero recurso pra todos que fazem produção.

Ressaltando que temos de fazer tudo com o coração, sem desespero, D. Paulo pediu para que o ministro do Interior, Mário Andreazza assumisse publicamente o compromisso de preservar o índio. Nem o ministro nem o presidente da FUNAI, que o acompanhava, se manifestaram. Eles tinham ido para a missa espontaneamente, não foram convidados.

**E nós te escravizamos
E nós de sepultamos**

na escuridão das minas.
Dobramos o teu corpo
sob os canaviais
E te jogamos contra
as árvores amadas,
para cortar madeira,
cortando o teu espírito,
o cerne do teu Povo.

D. Pedro Casaldáliga lembrou aos 5 mil presentes acotovelados na Catedral da Sé que aquele dia poderia ser um marco na coragem de se assumir o compromisso sincero não só de libertação, mas de luta com os povos indígenas ameaçados.

A oração de D. Tomás Balduino:

— Pai, de todo o coração eu vos agradeço. E vos peço que as terras dos indígenas lhes sejam devolvidas em nosso País. Por isso, rezemos ao Senhor.

De D. Hélder Câmara:

— Pai, se é verdade que de São Paulo partiram bandeiras que massacraram os índios, e se continuam as partidas novas hoje, também é verdade, Pai, que em São Paulo sobretudo por sua juventude e homens de boa vontade que transformam cada vez mais a casa de Deus em casa de Liberdade, em casa onde se repercute todos os grandes problemas livremente. Obrigado, Pai, porque o Brasil aqui nesta terra de Anchieta pode pedir-lhe por todos os massacres aos indígenas, não só do Brasil mas de toda a América Latina. Todos aqueles que foram feridos em sua dignidade estão encontrando na casa de Deus sua acolhida".

D. Paulo:

— Ó Deus, ó Senhor, Vosso povo vem pedir perdão. Vosso povo se compromete. Vosso povo agora vai oferecer tudo o que existe de sofrido nesta terra. Aceitai tudo isso. Isso vos pedimos por Jesus Cristo, Vosso Filho na unidade do espírito santo.

Todo mundo se abraçando, na paz. Todo mundo se comprometendo com a causa indígena. E, finalmente, a comunhão.